

A TRADIÇÃO POPULAR DO TREVO

NÓTULA ETNOGRÁFICA

POR

ARMANDO DE MATOS

As notas que vão ler-se sobre o trevo, como motivo etnográfico, não são mais do que a razão inicial do estudo que um dia desejo levar a cabo.

Com este pequeno núcleo de referências, pretendo somente ir marcando o interesse que se encontra na cuidada observação do significado do trevo ⁽¹⁾, perante a alma e o sentir do nosso povo.

Não há terra de Portugal, desde a charneca alentejana até às serranias do norte, onde o trevo não tenha o seu culto, onde a juventude o não lembre nos seus amores, onde todos, enfim, lhe não prestem um pouco de atenção.

Com êle se praticam lembranças, velhos costumes, antigas usanças, já tão distantes que ninguém facilmente lhes dá sua origem. A documentar esta asserção, basta recordar que já entre os druidas o trevo era o emblema do solstício da primavera ⁽²⁾.

O conjunto das tradicionais superstições de que êle é motivo, não somente entre nós, como também na memória doutros

(1) Sobre as diversas espécies de trevo que se encontram em Portugal, veja-se: *Flora Portuguesa*, de A. X. Pereira Coutinho; e *A Flora Portuguesa*, de Gonçalo Sampaio. Qualquer delas aponta 39 espécies do género *Trifolium*, da família das *Phaseolaceae*. Há ainda o *trevo de água*, que é uma *Gentianaceae*, além dos *trevos azedos*, que são *oxalidaceae*. Informa o prof. dr. Gonçalo Sampaio que há mais uma espécie de trevo, há pouco descoberta em Trás-os-Montes.

(2) *Medicina cimrica antiqua*. Londres, s/d, por Henry S. Wellcome, pág. 37.

povos (1), constitui na sua maioria um empolgante rosário de velhíssimas reminiscências, pois o trevo, em muitas das práticas que provoca, sugere-nos antigos povos, com suas passadas civilizações.

É o trevo erva de virtude, e tanto que

«Tôdas as ervas são bentas
Na manhã de S. João...»

menos uma que a cantiga exclui:

Tôdas as ervas são bentas
Na noite de S. João,
Tôdas as ervas são bentas
Só a serpentina não. (2).

Por vezes, a idea estende-se, e das ervas em geral, passa o dizer do povo para os vegetais em especial, como se vê aqui:

Tôdas as ervas são bentas
Na manhã de S. João,
Só a figueira maldita
Por seus pecados é que não (3).

(1) Com referência ao Tirol, por exemplo, lê-se nos *Ensaio Etnográfico*, de J. Leite de Vasconcelos, vol. I, pág. 70 (Esposende — 1891), na nota 55: «Au Tyrol, on croit encore que celui qui trouve un tréfle à quatre feuilles pendant les feux de la Saint-Jean, peut opérer des enchantements. (I, v. Zingerle, Sur les Superstitutions du Tyrol). Cit. par A. Maury, *La Magie, etc.*, pág. 165, not. 2».

Na Galiza — lê-se na «Revista Lusitana», (vol. 7.º, pág. 228) — também se encontram tradições populares referentes ao trevo, atribuindo-se-lhe virtude misteriosa e mágica em negócios de amor. Também lá se cantam quadras alusivas, como esta:

Herba do trebo, meniña,
Herba do trebo, rapaza,
Herba do trebo, meniña,
Herba do trebo, che naza.

(2) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular dos Açores*, «Revista Lusitana», vol. II, pág. I.

(3) Visconde de Porto da Cruz, *Crenças, superstições e costumes do Arquipélago da Madeira*. Conferência feita na Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 20 de Março de 1930. Vem publicada no volume VIII da «Arqueologia e História», págs. 83-129, e a quadra citada a págs. 102.

Esta razão basta, é claro, para lhe dar um papel de certo relêvo, na prática de muita costumeira. Invoca-se o seu oculto poder num sem número de casos e confia-se lhe o conseguimento de imensas coisas. É para afastar bruxedos, chamar venturas, afastar a esterilidade, atrair a riqueza, proteger os amores, livrar de doenças, dar felicidade (1), azangar os negócios dos inimigos, expulsar espíritos maus, evitar traições, provocar a obediência (2).

O trevo é preferido pelos animais — mesmo sem ser considerado como forragem rica, que é — pois a codorniz, por exemplo, à sua sombra passeia os filhos (3), a calhandra é nêle que faz o seu ninho (4), as abelhas e as borboletas preferem as suas flores a qualquer outra.

No trevo, cujo significado na simbólica amorosa é a *resignação*, há a considerar duas modalidades, a saber: o trevo próprio dito, o *trevo macho*, o trevo cujas fôlhas têm três folíolos — o que lhe dá o nome *trifolium* — e que serve para o esconjuro de malefícios e feitiçarias, e na medicina caseira cura o sarampo (5); e o trevo de quatro fôlhas, — a *erva mística* (6), — que é originado pela anomalia de, rarissimamente, apresentar fôlhas com quatro folíolos. Assim surge o *trevo de quatro fôlhas*, aquele que pela sua raridade ganhou nome e renome e que por isso é de todos ambi-

(1) Tenho em preparação uma nótula sobre a *Felicidade*.

(2) *Livro de S. Cipriano*, pág. 123. Porto, 1921. Ed. Lelo & Irmão.

(3) A. Carr e T. Delord, *A vida das flores*, pág. 251.

(4) *Id.*, pág. 202.

(5) Usa-se na Boaldeia (Viseu). Já no fim do século XVII, princípio do XVIII se encontra referência ao emprêgo medicinal do trevo. Na *Recopilação de Remédios escolhidos*, de Madame Fouquet, etc., 5.ª impressão em Lisboa, em 1712, pág. 355, vem uma receita para *purgar a Pítila*, em que, entre outros componentes, aparece de *Tripholium branco, tres oylavas*. E ainda em nossos dias não são alheias à farmacopeia algumas espécies de trevos, como o trevo aquático (*Meyanthe trifoliata*), o trevo de cheiro (*Trifolium Melilotus officinalis*), etc.

(6) Severo Portela, «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 49.

cionado, pela felicidade de que é portador, e que a sua pouca freqüência e o nosso humano desejo de melhores dias lhe dão. É senhor de muitas virtudes e especiais vantagens que uma tradição muitas vezes secular lhe atribui sempre. E com elas vai beneficiar o feliz que o descobre na sua humildade rente à terra, especialmente se isso acontece numa madrugada de S. João, coberto com o tradicional orvalho.

Por isso se canta:

Vamos apanhar o trevo,
 Todo o trevo que há no chão;
 E apanhar as orvalhadas
 Da manhã de S. João.

(Viseu).

Tôdas as ervas são bentas
 Na noite de S. João;
 Menos o trevo de quatro fôlhas
 Colhido com má tenção.

(Arcos de Val-de-vez).

Tôdas as ervas são bentas
 Na manhã de S. João;
 Só o trevo, coitadinho,
 Fica de rastos no chão.

(Figueira da Foz) (1).

P'ra colher o trevo,
 O trevo, no chão;
 P'ra colher o trevo
 Na noite de S. João.

(Geral).

Apanhar o trevo,
 O trevo, no chão;
 Apanhar o trevo
 Na manhã de S. João.

(Geral).

Apanhar o trevo,
 O trevo na areia;
 Apanhar o trevo,
 O meu amor está na cadeia (2).

(Póvoa de Midões).

Vamos raparigas
 Para o campo trabalhar;
 Para apanhar o trevo
 Numa noite de luar.

(Gaia).

P'ra colher o trevo
 O trevo, no ar;
 P'ra colher o trevo
 Numa noite de luar.

(Póvoa).

(1) P. Fernandes Tomaz, *Canções da Beira*, pág. 102.

(2) Do trabalho em preparação *Etnografia e Folclore da Póvoa de Midões*.

O colher a fôlha do trevo de quatro folíolos — o *trevo de quatro fôlhas* — que tão dificilmente se encontra, tem também suas fórmulas e preceitos, para que êle fique com as virtudes desejadas. Vejamos o que ensina S. Cipriano no seu popularizado livro (1):

«Na vespera de S. João, procura pelos campos uma febra de trevo que tenha quatro fôlhas. Logo que a encontrardes, fazei um signo-saimão em volta d'ella e deixai-a ficar até á noite. Quando, porem, os sinos tocarem á Santissima Trindade, voltai junto d'elle e dizei a oração seguinte. Começai por fazer o credo em cruz sobre o trevo, isto é, a dizer o credo e a fazer cruces com a mão sobre o dito trevo:

ORAÇÃO

Eu, creatura do Senhor, remida com o seu Santissimo sangue que Jesus Cristo derramou na cruz para nos livrar das fúrias de Satanaz, tenho uma vivissima fé nos poderes edificantes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mando ao demónio que se retire d'este logar para fora, e o prendo e amarro no mar coalhado, não perpetuamente, mas sim até que eu colha este trevo, e logo que eu o tenha colhido te desamarro da tua prisão. Tudo isto, pelo poder e virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.

Depois disto, apossai-vos do trevo, com que podeis fazer tudo quanto desejardes».

(1) *Op. cit.*

*

* *

É amuleto ⁽¹⁾ de amor ⁽²⁾ o trevo de quatro fôlhas. ; Quanto sonho em flor, de corações juvenis, não tem embalado a tradição do trevo!... ; Quanta ilusão não tem alimentado a sua escassa freqüência pelos prados, nos doentes de amor!...

É por isso que se acredita que tocando ou roçando três vezes pela cara da mulher desejada uma dessas tão preciosas e raras folhinhas, colhida *sem má tenção* ⁽³⁾ na madrugada maravilhosa do santo baptista, e dizendo sempre

Todo o trevo tem virtude
Na manhã de S. João,

é certo, é *infalível*, o ela vir render-se aos nossos galanteios. Ou então, pôsto sôbre a ara do altar onde se vai dizer missa, fazer casar cedo a pessoa que isso fizer e pedir para que tal suceda, entre o erguer da sagrada Hóstia e do Cálice.

Os namorados ofertam-no, ou trocam-no, se ambos o conseguem, o que é difícil, como anomalia botânica que é.

(1) «Les amulettes se formaient de quelques plantes, de quelque dessin figurés sur l'ivoire, le bois, les métaux ou les pierres précieuses». *Des erreurs et des préjugés*, J. B. Salgues. Vol. II, pág. 412. Paris, 1818.

(2) Luís Chaves, *O amor português*, pág. 50. O falar em amuleto de amor, sugere-me os antigos específicos gregos, de singulares propriedades, que visavam o mesmo. Eram êles, o coração de andorinha, que Plínio nos indica na sua *História Natural*; os miolos de grou, apontados por Eleano nas *Particularidades dos Animais*; os ossos de siba e carne de rémora, citados por Aristóteles na *História dos Animais*, etc.

(3) Usada com *má tenção*, traz a excomunhão (V. cit. *Livro de S. Cypriano*, pág. 122).

E da sua raridade, bem nos diz a cantiga:

Um trevo de quatro fôlhas
É muito raro encontrar;
Eu dei um ao meu amor
P'ra felicidade lhe dar.

(Gaia).

Há também a nota romântica do desiludido que já descrê da virtude do trevo e que o folclore nos mostra:

O trevo das quatro fôlhas
Quem no acha tem fortuna;
Eu já fui quem no achei
Inda não tive nenhuma.

(S. Simão de Novais) ⁽¹⁾.

ou

O trevo das quatro fôlhas
Quem o achar tem fortuna;
Eu fui o que o achei,
Fortuna não tive nenhuma.

(Douro) ⁽²⁾.

O solteiro que o encontre na madrugada de vinte e quatro de Junho, do santo pagão por excelência, já sabe que tudo lhe corre para casar êsse ano ⁽³⁾.

Mas mesmo fora dêsse dia, é prenúncio amoroso; e conforme o dia da semana em que foi encontrado ⁽⁴⁾, assim se lhe indica a qualidade dêsse amor que se anuncia. Se fôr encontrado a um sábadô é sinal de amor de solteiro ⁽⁵⁾, se a um domingo, amor de viúvo.

(1) Fernando de Castro Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, n.º 80.

(2) A. Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. I, pág. 161, n.º 927.

(3) Felix Alves Pereira, «Lusa», vol. I, pág. 65, § 41.

(4) Gaia.

(5) Isto recorda os *Versos dos dias da semana*, insertos no volume XVIII,

Confia-se no trevo para o alívio e sossêgo das paixões e amores infelizes:

À sombra da malva roixa
Amores me puz a chorar;
P'ra que o trevo me dê
Alívios do seu pensar.

(Póvoa de Midões).

Portador de felicidade, o trevo de quatro fôlhas não é já sòmente ao natural que tem efeito. Reproduz-se-lhe a forma, e assim se encontra em medalhas esmaltadas ao pescoço gracil das raparigas portuguesas; nas voltas de oiro das crianças; em anéis; marcando inconfundivelmente o papel de carta dos conversados

pág. 285, da «Revista Lusitana» (1915), recolhidos por Fernando Braga Barreiros. São êles:

Segunda feira te amo
Na terça te quero bem,
Na quarta por ti suspiro,
Na quinta direi por quem,
Na sexta por ti morro,
No sábadô por ti meu bem,
No domingo vou à missa,
Para ver quem me quiere bem.

Provocada por estes versos, certamente, no *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, já citado, sob n.º 823, encontra-se a seguinte quadra:

Na quarta-feira te amo
Na quinta te quero bem,
Na sexta digo que morro
Sábado digo por quem.

Ou esta, recolhida nas *Mil Trovas*, de Alberto de Oliveira e Agostinho de Campos (Lisboa, 1903) sob o n.º DCXLIII:

Segunda-feira te amo
Na terça te quero bem
Na quarta por ti espero
Na quinta por mais ninguém.

de aldeia; em lenços de bordados vistosos que se vendem nas tendas ambulantes dos arraiais; já por lá se canta:

Bordei um lencinho branco
Com flor de trevo escariate;
Hei-de o dar ao meu amor
Dentro do meu açafate.

(Viseu).

Pelas atribuições especiais e quási exclusivas que ainda hoje o trevo representa, pelo seu hectairismo, não custa a crer que nêle se envolvam ainda restos dalguma lembrança do velho e primitivo culto fálico. A sua forma em cruz, os foliolos talhados em coração, o atribuir-se-lhe o ser *erva de virtude* — como dizia a cantiga — as tradições deixadas atrás, de *tocar*, roçar, a mulher desejada, a propriedade fecundante que se lhe assinala na prática do costume que vou apontar ⁽¹⁾, faz-nos sem dúvida pensar nêse culto primário, que era, afinal, o culto da vida, como próprio símbolo do desconhecido.

Assim, se um indivíduo quere atrair a produção dum campo vizinho para o seu, que produz pouco, pega num trevo de quatro fôlhas e na manhã de S. João, montado num cambão ⁽²⁾, dá uma volta ao referido campo, dizendo:

Aqui vou neste cambão
Na noite de S. João,
P'ra trazer atrás de mim
Pipas de vinho e carros de pão.

Esta prática é referida por Teófilo Braga ⁽³⁾, que acrescenta a isto, o uso da pessoa que vai no cambão, bater com um man-

(1) Informação amável do meu ilustre amigo o etnógrafo e arqueólogo sr. José de Pinho.

(2) Pau que serve para atrelar uma segunda junta de bois a um carro.

(3) *O Povo Português, etc.*, vol. 1, pág. 140.

gual nas medas de centeio do vizinho. Também Leite de Vasconcelos a cita (1), mas sem nela figurar o trevo (2).

*

* *

Com três ou quatro folíolos, é o trevo um motivo ornamental e decorativo grandemente difundido, mesmo já fora do campo puramente popular, e que vem de recuadas eras. Aparece nas rosáceas vazadas dos tímpanos, nos capitéis, no lavor dos pórticos — especialmente nos séculos XV e XVI; em iluminuras; a dar forma a matrizes sigilares (3); a filigranar papéis dos séculos XVI e XVII (4); a marcar os barcos de pesca; na arte popular da insculptura pastoril (5) das *cornas* e ganchos de meia; nos lenços bordados já referidos; em medalhas; nas cambolhadas de amuletos, em prata (6), que se vendem nas feiras e romarias; a relevar o meio rial grosso de Afonso V, os *pintos* ou cruzados novos, além de outras moedas; nos *sinais públicos* notariais, de há séculos (7); a rematar os braços da cruz trevada, trilobada ou de S. Lázaro; a honrar as armas dos Chermont — com três fôlhas de trevo em chefe; nas próprias cartas de jogar, em que páus é o trevo — *trèfle* dos franceses — evocando a arrogância e a insolência do

(1) *Tradições populares de Portugal*, pág. 234.

(2) *Estudo etnográfico a propósito da ornamentação das cangas e jugos dos bois no Minho e Douro*. Pôrto, 1881.

(3) J. B. Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, vol. I, Diss. 3.ª, e D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, t. IV.

(4) Arnaldo Faria de Ataíde e Melo, *O papel como elemento de identificação*. Lisboa, 1926, fig. 48, n.ºs 101, 113, 114, 115, 117 e 126.

(5) Luís Chaves, *Op. cit.*, pág. 51.

(6) Feira Franca, de Viseu; Feira mensal, de Midões; Romaria do Senhor de Matosinhos, do Pôrto, etc.

(7) Nos livros do Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, por exemplo.

valete dêsse naipe; a assinalar ferraduras de cavalos, para deixarem pista ao tresmalhar (1); na indumentária militar, etc., etc.

*

* *

Afinal, tôdas estas tradições que se enredam no trevo, são nitidamente pagãs. Rescendem à natureza, à vida simples e impulsiva dos campos, cheia de verdade. É, portanto, de notar, que só uma referência encontro, em que, directamente, a tradição cristã o visa, vinda do religioso espírito do povo que a conserva em seus tombos de lembranças.

Diz-se na Beira Alta, que as manchas avermelhadas das fôlhas do trevo, fôram produzidas pelo sangue que manava dos sagrados pés do Redentor.

Para a gente daquela província — do coração de Portugal — Cristo, ao andar a sofrer a sua cruz pelo mundo, passou, *positivamente*, pelo seu torrão, a caminho do Calvário!... Se essa boa e humilde gente, o vê todos os anos, em tôdas as romarias, nos vários passos da sua paixão, no seu sofrimento e martírio de resgate e perdão, se a Êle recorre em todos os seus pezares e em tôdas as suas alegrias..., como é que Êle não havia de ter passado por ali!...

*

* *

O trevo, na sua singeleza natural, que a fôrça da tradição enobreceu, já está prêso, no seu aroma fresco e de sensações misteriosas, em pequeninos frascos de cristal, tão valiosos como jóias, que a mercância explora (2). Não é bem o seu pró-

(1) Costume australiano.

(2) É o *trèfle incarnat*. Vem a propósito recordar uns vasilhos de barro com *pés de trevo*... de quatro fôlhas!...

prio aroma, na sua fragrância selvagem e livre; é um perfume artificial, mas voluptuoso e mole. No campo, o aroma do trevo pode acordar instintos irresistíveis, mas humanos; na cidade, conservado em vidros lapidados, desperta desejos e vícios. É a influência do meio: vem da verdade para a mentira.

Quem uma vez tenha aspirado os campos de trevo florido, numa dessas madrugadas de Junho, sente a alma invadir-se-lhe de uma disposição admiravelmente grata para compreender as forças ocultas da natureza, estuante de seiva e de vida. É impressão que não se desfaz; apenas se dilui com o tempo. Ouvindo as quadras que o nosso povo canta pelas romarias e festivais, especialmente durante o mês de Junho, o mês pagão, e em que toma o tema 'do trevo, aviva-se essa grata lembrança o preciso para não esquecer mais.

Essas cantigas, selvagens como o trevo que as motiva, como êle modestas de origem, e sinceras na sua fisionomia própria, são o seu formoso cancionero.

Muitas elas são, certamente; tantas que não terão conta. Porém, só estas adreguei de topar, a mais as que atrás ficaram engalanando estas linhas desgeitosas:

Ó trevo das quatro fôlhas,
Ó trevo da má ventura;
Eu amar, eu bem te amava,
Se a fome fôsse fartura...

(S. Simão de Novais) (1).

O trevo diz que é trigo,
O trigo diz que é trevo;
O trevo diz que se atreve
A travar amores comigo

(Póvoa de Midões).

Flor do trevo se é branquinha
Cabe tôda num dedal;
Assim tu me queiras bem,
Também te não quero mal.

(Viseu).

Fui ao trevo colher trevo
Achei o trevo colhido;
E, ó trevo, não me atrevo,
A tomar amores contigo.

(S. Simão de Novais) (2).

(1) Pires de Lima, *Op. cit.*

(2) *Op. cit.*, n.º 282.

Fui ao trevo colher trevo,
Achei o trevo colhido;
Inda que eu queira não posso
Tomar amores contigo.

(*Idem*) (2).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo nasce a salsa;
Mais vale uma feia firme
Do que uma bonita falsa (3).

(Viana do Castelo).

Semei trevo na areia,
Nasceu-me milho miudo;
Quem semeia sempre apanha,
É bom semear de tudo.

(Póvoa de Midões) (4).

O sol logo ao nascer,
Um beijo no trevo dá;
Bem podes tu nisso ver
Como os meus beijos não há.

(Gaia).

Pego num lápis e escrevo,
Uns versinhos para ti;
Há no campo um cheiro a trevo,
Que m'encanta e prende aqui.

(Viseu).

Não me atrevo, disse o trevo,
A nascer por entre o trigo.
Eu, sem ser trevo me atrevo,
A trazer amores contigo (1).

Semei trevo no mar
Só me nasceu uma geira;
Quando nasceram os homens
Nasceu fraca sementeira.

(S. Simão de Novais) (4).

Entre o trevo me atrevo,
Entre o trevo florido;
Entre o trevo me atrevo,
A tomar amores contigo.

(Amarante).

Já lá vai o S. João,
Agora vem o S. Pedro;
Alegrai-vos raparigas
Vamos colher a folha ao trevo.

(*Idem*).

(1) *Mil trovas*, já citadas; n.º LXXXIV.

(2) *Id.*, n.º 708.

(3) Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*. Braga, 1928, n.º 369.

(4) *Op. cit.*, n.º 464.

(5) *Op. cit.*

(6) D. Maria Angelina Furtado de Mendonça, *Cantigas populares*, «Revista Lusitana», vol. XVI.

Apanhar o trevo,
O trevo ao luar;
Apanhar o trevo
Meu amor até casar.

(Póvoa de Midões).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo florido;
Não sou trevo que me atreva
A tomar amores contigo.

(Vila Real) (1).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo florido;
Eu não sou trevo e me atrevo
A tomar amores contigo (2).

O trevo diz que se atreve
A prender quem 'stá ausente;
Eu, sem ser trevo, me atrevo
A prender-te para sempre (3).

(Idem).

(1) Augusto C. Pires de Lima, *Cancioneiro de Vila Real*, pág. 80, n.º 342. Porto, 1928.

(2) «Revista Lusitana», vol. IX, pág. 257.

(3) *Cancioneiro de Viana do Castelo*, pág. 179, n.º 877.